

O MOVIMENTO DOS ANNALES E A ESCRITA DE SUA HISTÓRIA

Diogo da Silva Roiz*
Marilene Nascimento de Farias**

Resenha:

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *Uma história dos Annales (1921-2001)*. Tradução de Jurandir Malerba. Maringá: Eduem, 2004, 183p.

Em seu novo livro, traduzido no Brasil em 2004, com o título *Uma história dos Annales*, Carlos Antônio Aguirre Rojas começa por indicar que, referir-se à história na atualidade, ou mais precisamente “à historia da historiografia do século XX, torna-se impossível sem a necessária referência à corrente dos *Annales*”. Esta corrente historiográfica, segundo esclarece no livro ora resenhado, foi considerada como uma das mais importantes vertentes historiográficas, não só na França, mas em todo o mundo. Devido a sua importância no cenário historiográfico do último século, tal movimento intelectual, acabou por tornar-se objeto central de “múltiplos ensaios, estudos e artigos, e mesmo livros”, onde um grande número de historiadores dedicou-se “a recuperar os aportes principais desses mesmos *Annales*, aprofundando-se no estudo sistemático e no exame de seus mais importantes trabalhos” (AGUIRRE ROJAS, 2004, p. 10). No entanto, muitos dos trabalhos, dedicados a reconstruir a história do movimento annalista, limitaram-se a perspectivas nacionais,

* Professor dos cursos de História e de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), na unidade de Amabai. E-mail: diogo@uems.br

** Graduanda em História na UEMS e bolsista PIBIC/CNPq.

culminando numa visão excessivamente francesa, quando não inglesa ou americana, do movimento. Ou ainda, privilegia uns *Annales* em detrimento de outros, prossegue o autor em seu argumento, reconstruindo apenas alguns dos projetos, de um determinado período de vida dos *Annales*.

O professor e pesquisador Carlos Antonio Aguirre Rojas, é um dos casos de historiadores que se dedicam a analisar a história da historiografia dos séculos XIX e XX, com especial interesse para o movimento dos *Annales*, do qual já publicou vários artigos e livros sobre o tema. É professor no Instituto de Investigaciones Sociales de la Universidad Nacional Autónoma de México. Doutor em Economia pela UNAM, com pós-doutorado pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris. Seu livro, acima indicado, *Uma história dos Annales (1921 - 2001)*, publicado em 2004 pela Editora EDUEM, é resultado de suas pesquisas no campo da historiografia annalista do século XX. O livro foi dividido em sete capítulos, contendo ao final uma vasta bibliografia utilizada para a realização do trabalho. Em decorrência do imenso número de referenciais utilizados, o autor foi muito didático, ao dividir a bibliografia em dois grupos, um contendo obras para uma aproximação geral, e outro com obras para uma aproximação específica. As obras para uma aproximação geral compreendem as coleções completas das distintas séries da revista *Annales*, os diversos índices que ela mesma publicou, outras revistas que se consagraram à história dos *Annales* e os poucos trabalhos de fôlego que se propuseram analisar a trajetória global da corrente. Já as obras para aproximações específicas analisam as especificidades de um dado autor ou de uma dada geração. Todavia, a maior lacuna do texto, reside no fato de que, apesar da vasta bibliografia utilizada, o autor fecha-se ao longo do texto, utilizando-se apenas de uma nota de rodapé e não fazendo distinções objetivas entre suas idéias e aquelas de autores que constam em sua bibliografia. Dessa forma, para o leitor, torna-se difícil saber com quais autores ele está dialogando, e mais, se está concordando ou discordando.

Segundo Aguirre Rojas, um dos seus primeiros objetivos nesse livro foi “o de buscar reconstruir, em toda sua diversidade e complexidade, o mapa dos autores, linhas de força, perspectivas metodológicas, campos problemáticos de investigação, modelos teóricos e as obras fundamentais possíveis de se identificar na curva evolutiva dos *Annales*” (Idem, p. 12). A reconstrução desse itinerário se daria a partir da dupla perspectiva de uma história global de longa duração histórica, comparada de um ponto de vista crítico. Baseando a análise do movimento a partir dessas perspectivas será possível, segundo o autor, “traçar o desigual e nada aleatório mapa da difusão dos *Annales* pelo mundo”. Considera os *Annales* “a partir dos observatórios cruzados da história da França, da Europa, do Ocidente e do mundo, inserindo assim sua curva de vida no horizonte global de suas repercussões e efeitos dentro desses quatro âmbitos”, podendo assim, “talvez superar algumas limitações de que padece a maioria dos trabalhos consagrados ao estudo da corrente” (Idem, p. 13).

O autor demonstra, como fruto dessa visão singular, chegar a uma série de problemas, pouco ou nada abordados anteriormente, onde é possível destacar “vários aparentes paradoxos, até hoje não explicados e que marcam certos momentos da corrente dos *Annales*”, podendo com isso, superar as “visões acríticas, aceitas universalmente”, do que representou e representa essa “célebre escola dos *Annales*” (Idem, p. 15). Nesse sentido, ao longo dos capítulos, o autor elege os aparentes paradoxos, pertencentes a cada geração do movimento, como temas centrais de sua discussão.

Ao elencar as características e os possíveis ‘perfis’ pertencentes ao movimento, o autor, ressalta que embora “os *Annales*, por um lado constituem uma historiografia de clara matriz cultural francesa e por outro mediterrânea” (Idem, p. 21), todos os distintos projetos da corrente, reproduziram a sensibilidade cultural mediterrânea de longa duração. Nas palavras do autor:

Isso explica, em parte, a difusão desigual dos *Annales* na Europa e no mundo ocidental: foram rapidamente traduzidos nas historiografias e

nas ciências sociais da Itália, Suíça, Espanha, Portugal e depois América Latina. Vê-se, portanto, que esse universo de fácil aceitação reproduz a sensibilidade mediterrânea no plano cultural. Entretanto, sua recepção e difusão são mais acidentais, difíceis, tardias e muito mais mediadas em países como Alemanha, Inglaterra, Áustria, Holanda, Canadá inglês ou Estados Unidos, todos caracterizados pela sensibilidade cultural nortey-européia (Idem, p. 24).

Segundo o autor seria impossível entender a origem do 'movimento annalista' sem considerar que todos os vínculos e antecedentes herdados da historiografia de língua alemã foram recuperados e traduzidos, transformados, criticados e reintegrados, a partir do horizonte particular da sensibilidade cultural latino-mediterrânea de longa duração, dentro do contexto caracterizado pelo diálogo com as Ciências Sociais, dentro da própria França. Somam-se às fontes alemãs, as francesas, que também contribuíram para o surgimento do projeto annalista. Assim, conclui-se que o projeto revolucionário na teoria da história, representado pelos *Annales*, constituiu-se, para ele, no acúmulo e ruptura com a historiografia metódica (ingenuamente também chamada de positivista) do século XIX.

Neste contexto, o autor verifica uma questão que é pouco abordada nos estudos anteriores sobre o movimento, o fato de que "no projeto original dos *Annales* já se encontrava inscrita, de maneira consciente, a vocação do que eles vieram a representar dentro da longa curva da historiografia do século XX" (Idem, p. 16). Seria o deslocamento de uma historiografia em declínio, a alemã, para outra que começava a despontar no cenário historiográfico europeu, a francesa. Com isso as inovações historiográficas mais importantes continuariam vindo do continente europeu. Outra questão suscitada, ainda nesses primeiros *Annales* (primeiros *Annales*, que em sua divisão, corresponde à 'primeira geração' do movimento, na classificação de outros autores), é a disputa e conseqüente ruptura entre seus diretores Marc Bloch e Lucien Febvre. Embora compartilhassem vários objetivos e intenções comuns, para o autor, suas posturas eram diferentes quanto ao sentido global dado ao projeto historiográfico dos *Annales* e quanto ao papel que

a revista deveria desempenhar. Essas duas tradições revelavam-se nas relações acadêmicas e nos diferentes espaços de difusão das obras de Marc Bloch e Lucien Febvre.

Os *Annales* braudelianos, ou segundos *Annales* (da 'segunda geração'), ao colocarem no centro de seu projeto intelectual, as novas investigações sobre os distintos estudos de história econômica e as investigações da recém-criada história demográfica e certas áreas específicas da história social, inseriram-se nos grandes debates historiográficos de sua época. Estabeleceu-se um diálogo aberto, de mútua colaboração e apoio, entre os *Annales* braudelianos e o(s) marxismo(s) do Ocidente. A hegemonia historiográfica francesa iniciada pelos primeiros *Annales* alcançou seu apogeu durante o período da direção de Fernand Braudel, entre os anos de 1956 e 1968. Tal hegemonia, explica o crescente fortalecimento institucional e o aumento de poder acadêmico que a corrente dos *Annales* conquistou nessa conjuntura. O autor considera neste ponto que, tal poder institucional acumulado pelos *Annales* braudelianos, "não são o resultado de estratégia 'consciente' de Lucien Febvre ou Fernand Braudel (...) que, às vezes, evocaram estudiosos desse período dos *Annales*" (Idem, p. 106), mas foi consequência do modelo, que se tornaram esses *Annales* febvrianos e braudelianos, dentro da historiografia de vanguarda no Ocidente, responsável por atrair os historiadores mais arrojados e inovadores da América Latina, América do Norte e de toda Europa.

Quanto aos terceiros *Annales* (da 'terceira geração'), o autor observa que surgem num contexto marcado pelos efeitos da revolução cultural de 68, sobre o conjunto da historiografia mundial, sendo definidos como a historiografia voltada ao estudo de temas culturais, com profunda descontinuidade quanto aos *Annales* anteriores. Para o autor foram falhos, em relação aos seus antecessores, ao não oferecerem "nenhum eixo paradigmático reconhecível que servisse de base para a construção de uma nova política editorial e de um sólido projeto intelectual, as mentalidades e a antropologia histórica não

constituem paradigmas metodológicos nem perspectivas teóricas” (Idem, p. 117). Como resultado deste abandono, a História Econômica e Social perderam seu papel hegemônico dentro dos estudos históricos, alocando-se em seu lugar os estudos culturais, rastreados na longa duração, sem, contudo, relacionarem àqueles fenômenos as conjunturas e acontecimentos.

Paradoxalmente, o autor analisa que, apesar de não terem sido hegemônicos em termos de inovação e de redefinição de novos rumos historiográficos, os terceiros *Annales* se difundiram em todo o mundo, como consequência da difusão midiática dos produtos históricos e do processo de incorporação dentro do *establishment* cultural na França. Nas palavras do autor: “são os *Annales* mais traduzidos e difundidos e conhecidos em escala planetária, embora perdendo a hegemonia dentro da Europa e do Ocidente, quanto à inovação historiográfica e à definição dos destinos principais da historiografia contemporânea” (Idem, p. 118).

Portanto, enquanto os *Annales* de 1968-1989 se institucionalizaram na França (e em outros países), concomitante a isso, os marxistas influenciados pelos *Annales*, mantiveram o feitiço crítico herdado da ‘primeira’ e da ‘segunda geração’ dos *Annales*. Objetivavam a aproximação das duas perspectivas, integrando-as num horizonte conceitual, metodológico, problemático e historiográfico capaz de incluir suas principais contribuições históricas. Houve uma aproximação entre marxistas das novas esquerdas pós-68, à herança dos *Annales* e alguns annalistas aproximaram-se também do marxismo. Surge assim, para o autor, uma historiografia (muito) criativa, combinando contribuições de Marx e dos *Annales*. O movimento de convergência entre *Annales* e marxismo não se reduziu a historiadores franceses, mas a todo um segmento de historiadores, na conjuntura de 1968-89, pertencentes a Espanha, América Latina, Estados Unidos, Polônia, Rússia, Itália, Canadá, Holanda, Alemanha, entre outros.

Quanto aos quartos *Annales* ou *Annales* de transição (de uma possível ‘quarta geração’), o autor analisa que apesar de possuírem um

projeto intelectual definido, ainda encontram dificuldades para consolidá-lo. Primeiramente, porque os membros mais antigos dos *Annales* além de já terem oferecido o fundamental de sua possível contribuição a historiografia, desempenham outras tarefas e responsabilidades. Outra razão é o desafio de integrar alguns dos novos membros recrutados em 1994 à dinâmica global e cotidiana de construção da revista, e com isso a um projeto alternativo. Para o autor, cabe a esse “pequeno e jovem núcleo da revista” a responsabilidade em revolucionar outra vez os *Annales*. Desde que, segundo ele, o façam inscritos nas melhores heranças dos *Annales* anteriores, além da necessidade de abrirem-se a outros horizontes historiográficos antes invisíveis, deixando de ser apenas uma revista francesa e europeia, para tornar-se uma revista verdadeiramente mundial.

Nesse sentido, a leitura da obra de Carlos Antônio Aguirre Rojas permite ao leitor conhecer e analisar o alcance e as limitações do movimento dos *Annales*, suas mudanças e continuidades no tempo. Uma outra contribuição que trouxe a obra, e que o autor já vinha trabalhando em artigos anteriores, foi delimitar o recorte da divisão do movimento em gerações, em sub-períodos para os quais procurou indicar com maior precisão as especificidades, originalidades, rupturas e continuidades produzidas de um momento para o outro.